

O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos I: uma experiência de pesquisa

The spectrum of hooliganism in the British stadiums I: a research experience

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O manuscrito evoca uma experiência de pesquisa pós-doutoral vivenciada no segundo semestre de 2018, na Universidade de Birmingham. Procura-se contextualizar o cenário de transformações de três décadas no futebol inglês que, por meio da *Premier League*, em certo sentido revolucionou a prática e a assistência do espetáculo futebolístico no país e, por extensão, em partes significativas da Europa e do mundo. O pano de fundo das mudanças é cotejado com uma vivência *in loco* nos estádios e arenas não só na Inglaterra, mas também na Grã-Bretanha e no Reino Unido. As observações experienciadas permitem relatar as diversas etapas de pesquisa durante esse período, a fim de compartilhar mais amiúde as impressões do que se viu, ouviu e viveu. A sugestão contida no texto argumenta que, a despeito do exitoso processo gentrificador de remodelagem da dominação e do controle no interior das arenas, a dinâmica torcedora não impede por completo o espectro do hooliganismo, princípio antidesportivo e contracivilizador que paira sempre como potencial danoso na administração de rivalidades clubísticas quer em nível local e regional, quer em âmbito nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol britânico; Estadios e arenas; Hooliganismo.

ABSTRACT: The manuscript evokes an experience of postdoctoral research, lived during the second semester of 2018, at the University of Birmingham. It seeks to contextualize the scenario of changings in the last three decades in the English football that, through the Premier League model, in a certain way revolutionized the practice and the assistance of the football spectacle in the country and, by extension, in prominent parts of Europe and the world. The backstage of the transformations is compared with personal experiences inside the stadiums and arenas, not only in England, but also in Great-Britain and United Kingdom. The observations experienced allow to reconstitute the steps of the investigation during this period, in order to share with more details, the memories of what was seen, heard and lived. The suggestion included in this paper argues that, contrary to the well succeeded gentrification process of domination and control in the arenas, the fandom dynamics do not avoid in a whole sense the spectrum of hooliganism, what means an anti-sports and anti-civilization phenomena that remains always as a dammed potential in the management of club rivalries in local and regional level, as well as in national and international sphere.

KEYWORDS: British football; Stadiums and arenas; Hooliganism.

INTRODUÇÃO

Este texto, dividido em duas partes, traz uma descrição e uma análise das atividades de pesquisa desenvolvidas durante os quatro meses do período de pós-doutoramento na Universidade de Birmingham. O estágio foi realizado entre julho e outubro de 2018, graças a uma bolsa pós-doutoral concedida pelo governo do Reino Unido, através do programa Ernest Rutherford Fellowship, outorgado pelo *Universities United Kingdom international* (UUKi). Durante um quadrimestre, pude dedicar-me a leituras e a levantamento bibliográfico sobre o chamado hooliganismo britânico, uma curiosidade de pesquisa surgida à época de meu doutorado.

Tive a sorte e a coincidência de passar esse período em Birmingham, no *West Midlands* (centro-oeste) da Inglaterra, cidade em que residiu e lecionou o jamaicano Stuart Hall, baluarte dos chamados estudos culturais e que, nos idos de 1970, chegou a escrever e a teorizar de maneira precursora sobre o fenômeno do hooliganismo, em meio às acaloradas partidas do derby Aston Villa X Birmingham FC.

Nesse centro urbano, o segundo em população entre as cidades inglesas, abaixo apenas de Londres, encontrei ótimas condições universitárias na instituição de acolhida, seja na parte de infraestrutura, seja no atendimento recebido da equipe técnica responsável pelo estágio, seja na recepção proporcionada pelos docentes e pesquisadores da Universidade de Birmingham. O *campus* e a biblioteca universitária foram especialmente oportunos para o desenvolvimento do conjunto das atividades a seguir compartilhadas. O apoio institucional, sob a forma de um *research account*, foi também de especial importância para que pudesse deslocar-me ao redor do país e fazer as observações de campo transversais a que me havia proposto no Projeto original.

Como dito, o objetivo primordial do estágio pós-doutoral consistiu em uma atualização da literatura científica e do subcampo de estudos sobre o futebol na Inglaterra, com um entendimento mais aprofundado do universo de autores e das suas principais linhas de investigação nas últimas décadas.

Em particular, meu interesse incidiu no processo de transformação arquitetônica dos estádios de futebol britânicos e nas políticas de prevenção e de repressão adotadas no país dos anos 1990 em diante. O enfoque mais direto diz respeito ao

chamado “hooliganismo”, objeto de estudo com particular importância para a sociedade inglesa, também conhecido pelas autoridades públicas como *English disease*, em razão de desastres e fatalidades ocorridas no país entre as décadas de 1960 e 1980, com repercussão e desdobramentos ao redor do mundo.

Essa motivação principal foi contemplada por meio do estabelecimento de três frentes elementares de atuação para uma compreensão mais adequada do fenômeno:

1. Levantamento bibliográfico, mediante a recensão de obras em bibliotecas universitárias e em centros de pesquisa especializados em futebol;
2. Conversa com reconhecidos especialistas da área, autores de livros e de trabalhos de referência nacional e internacional na temática dos estádios e das torcidas;
3. Observação participante, com visitas técnicas a estádios e acompanhamento da movimentação dos torcedores nos dias de jogo, não apenas na cidade Birmingham, como em diversas cidades do Reino Unido;

Apesar das vicissitudes inerentes a todos os processos de pesquisa, com melhor ou menor aproveitamento em cada um dos 3 itens assinalados, pode-se dizer que as três metas de trabalho foram desenvolvidas a contento, com um avanço considerável dos objetivos propostos, como se procurará relatar a seguir. Quanto ao item 2 – “encontro com especialistas” –, destaco que na maioria das vezes houve receptividade e predisposição para o atendimento de parte desses pesquisadores. Graças ao diálogo com eles, muitos dos quais conhecia apenas por meio da bibliografia, pude ter uma interlocução direta e uma percepção mais circunstanciada da visão de cada um acerca do comportamento coletivo e do controle policial nos estádios de futebol daquele país.

Na primeira parte deste texto, descrevo de início o conjunto de atividades e de participações desenvolvidas, com um balanço avaliativo de cada um deles. A seguir, procuro fazer um relato mais analítico do conteúdo do material lido e levantado durante esse período, enquanto no tópico seguinte apresento uma listagem com a totalidade das obras consultadas nas bibliotecas ao longo do estágio feito há seis anos atrás, mas cujo interesse e utilidade me parecem atuais. Por fim, a título de ilustração, trago imagens dos estádios visitados e dos locais onde foram realizadas as pesquisas.

Embora o tempo do período de pesquisa – 4 meses – possa ser considerado relativamente curto para um projeto de maior folego, é indubitável a contribuição

do estágio para a minha agenda acadêmica, o que extrapola os limites cronológicos e temáticos da investigação específica aqui proposta. Seus resultados tiveram desdobramentos diretos e indiretos desse pós-doutorado em trabalhos científicos, em eventos acadêmicos e na continuidade das pesquisas em curso no Brasil.

Gostaria ainda de registrar a especial atenção que recebi de minha supervisora, a professora Courtney Campbell, do Departamento de História. Mesmo estando em período de licença maternidade, essa notável brasilianista, autora de um instigante artigo sobre as partidas da Copa do Mundo de 1950 ocorridas na cidade de Recife e no estádio da Ilha do Retiro, não deixou de acompanhar com interesse e de demonstrar seu entusiasmo em colaborar para que eu pudesse ter o melhor aproveitamento possível nessa estada.

TRABALHO DE CAMPO: ESTÁDIOS VISITADOS

Estádios	Partidas	Cidades	Data
Hillsborough	Sem jogo	Sheffield	13 de julho
Bramall Lane	Sem jogo	Sheffield	13 de julho
Old Trafford	Sem jogo	Manchester	20 de julho
Etihad	Sem jogo	Manchester	21 de julho
Deepdale	Sem jogo	Preston	24 de julho
St. Mary's	Sem jogo	Southampton	27 de julho
Egdbaston	Críquete: Inglaterra x Índia	Birmingham	01 de agosto
King Power	Sem jogo	Leicester	02 de agosto
Molineux	Wolves x Villarreal	Wolverhampton	04 de agosto
Hampden Park	Sem jogo	Glasgow	07 de agosto
Ibrox	Sem jogo	Glasgow	07 de agosto
Easter Road	Sem jogo	Edinburgh	08 de agosto
Villa Park	Aston Villa x Wigan	Birmingham	11 de agosto
Cardiff City	Cardiff x Newcastle	Cardiff	18 de agosto
Principality Stadium	Sem jogo	Cardiff	19 de agosto
Wembley	Sem jogo	Londres	25 de agosto
Stamford Bridge	Chelsea x Bournemouth	Londres	01 de setembro
Anfield Road	Sem jogo	Liverpool	08 de setembro
Goodison Park	Sem jogo	Liverpool	09 de setembro
Ashton Gate	Bristol FC x Sheffield United	Bristol	15 de setembro
The Hawthorns	West Bromwich x Bristol FC	Bromwich	18 de setembro
Craven Cottage	Fullham X Watford	Londres	22 de setembro
St. Andrews Stadium	Birmingham FC x Ipswich	Birmingham	29 de setembro
Windsor Park – National Football Stadium	Sem jogo	Belfast	02 de outubro
Aviva Stadium	Rúgbi: Munster x Leinster	Dublin	06 de outubro
Falmer Stadium	Brighton x Wolverhampton	Brighton	27 de outubro

O propósito central da pesquisa consistiu na visita, sempre que possível em dias de jogos, aos estádios de futebol profissional na Inglaterra, em específico aqueles que servem à primeira e à segunda divisão do campeonato nacional, conhecidos pelos nomes nativos de *Premier League* e de *Championship*. A proposta estendia-se aos países vizinhos, que conformam a Grã-Bretanha ou o Reino Unido, tais como o País de Gales, a Escócia, a Irlanda do Norte, e mesmo a República da Irlanda, de modo a avaliar o impacto do novo modelo futebolístico-arquitetônico nas suas fronteiras insulares.

A finalidade precípua foi abranger o máximo possível de observações em campo, concernentes à infraestrutura, à logística e ao espaço destinado aos torcedores – sejam aqueles dos clubes locais, sejam os visitantes –, em sua interação com os policiais e com os seguranças privados – também conhecidos como *stewards* –, responsáveis pela orientação e vigilância antes, durante e depois das partidas. Como cheguei na Inglaterra no mês de julho, mês de recesso do calendário competitivo com as férias de verão, tive de aguardar até o início de agosto para poder conhecer os estádios em funcionamento, em dias de jogos.

Um propósito subjacente foi aferir a resiliência naquele país dos estereótipos tributados ao *hooliganismo*, dentre eles os de fanatismo, de irracionalidade e de selvageria. Isso porque desde a década de 1980 o tema não se cingiu às explicações sociologizantes mais previsíveis e às ligações mais imediatas com as esferas políticas e econômicas do país, sejam as retrações do emprego, sejam os efeitos deletérios sobre a classe trabalhadora por parte das medidas liberais do governo Thatcher nos anos 1980. As punições sofridas pelos clubes ingleses, impedidos de disputar torneios internacionais durante cinco anos, em virtude das brigas de seus torcedores na Europa continental, iriam ainda recolocar um amplo espectro de questões éticas sobre o agir humano em coletividade.

A partir do futebol, grandes temáticas universais para o homem ocidental do século XX foram à época acionados, a saber, a psicologia das multidões, a decadênciia do Ocidente, o choque entre civilização e barbárie, a xenofobia e a intolerância perante o outro. Minha questão era poder testemunhar em que termos tais debate se colocava agora, transpassadas várias décadas, após o advento da *Champions League*.

Para não precisar aguardar um mês inteiro antes do início das competições, fiz visitas aos estádios em dias normais da semana ou em amistosos preparatórios para

o início da temporada. Uma estratégia adotada, que acabou por se revelar bastante produtiva, foi participar dos *tours*, serviço oferecido pelos clubes aos turistas e forma de arrecadação financeira que a visibilidade internacional dos grandes clubes ingleses ensejou nas últimas décadas. A visita a cidades como Manchester e Liverpool comprehende nos dias de hoje a passagem quase incontornável pelos estádios de seus clubes homônimos, tamanha a reputação global de que desfrutam. Trata-se de atração importante e inscreve-se no roteiro de destinação turística oficial promovido pelas respectivas prefeituras e pelas empresas dedicadas ao fomento do turismo no país.

Com valores entre 15 e 18 libras, é possível aceder às dependências dos estádios, cuja capacidade oscila entre 35 e 70 mil espectadores. O serviço de visitação, com a “venda” de uma experiência aos bastidores de um equipamento esportivo ultramoderno, envolve, entre outras atividades, a visita a um museu, a compra de produtos na loja do clube, a vista panorâmica (ou panóptica) das arquibancadas mais altas do estádio, um percurso pelas dependências internas e o acesso ao campo de jogo, com o “fetiche” de pisar no mesmo gramado dos afamados ídolos dos grandes clubes ingleses.

O trajeto feito no interior desses estádios constitui não só um roteiro de visitação, mas sobretudo uma tentativa dos seus proprietários de impressionar o estrangeiro, mediante a exposição da grandiosidade e do luxo interno dos espaços reconditos, apenas acedidos pelos profissionais dos meios de comunicação, pelo *staff* do clube ou pelos *vips* nos dias extraordinários de jogos. Os carpetes, os mármores e a iluminação cromática de suas instalações, sempre em sintonia com as cores de origem do clube, dão a impressão esplendorosa de se estar dentro de um hotel cinco estrelas. De maneira subliminar, o *tour* enfatiza a discrepancia entre aquele mundo espelhado e resplandecente do seu interior e o efêmero grupo de visitantes, que terá, mediante pagamento, a ocasião de experienciar o estádio naquela única ocasião, com a simulação da sua própria condição de futebolista ou avatar de profissional do futebol de espetáculo.

À medida que fazia as peregrinações, confirmava a impressão de um modelo estandardizado, repetido, com variações pontuais, de clube a clube. Via de regra, havia um guia que conduzia o grupo por um itinerário pré-delimitado e que relatava, a

partir de um *script* prévio, as narrativas mitológicas do clube, seja a trajetória da agremiação e de seus personagens mais importantes, seja a história do estádio e suas características mais recentes, sejam os feitos supostamente épicos das conquistas, sejam as anedotas mais pitorescas, com maior ou menor grau de humor, com vistas a provocar risos e a entreter a atenção dos visitantes.

Antes de adentrar em campo, um dos auges da visita é a entrada no vestiário e na sala de imprensa, onde são feitas as entrevistas com os jogadores e as coletivas dos treinadores após as partidas. Ali o turista, em sua maioria composto de estrangeiros, e que conhece o estádio tão somente pelas transmissões de televisão, simula sua particular condição de ser um arremedo de atleta em dia de jogo e sente como se estivesse na iminência de entrar no gramado ou de se colocar no centro das atenções, ao responder às perguntas da imprensa após a partida.

A alternativa de tomar parte desses *tours* para o conhecimento do padrão dos estádios ingleses, se não pareceu inicialmente a opção ideal, por outro lado permitiu observar essa dinâmica contemporânea da indústria do futebol, com a conversão da marca do clube em uma miríade de *souvenirs*, produtos comerciais e comercializáveis, à disposição dos fãs globais, o que inclui a própria exibição conspícuia e ostentação do que vem a ser adquirido nas boutiques. Se isto é mais evidente nos clubes do chamado *Big Five* – Arsenal, Chelsea, Liverpool FC, Manchester United e Tottenham –, a maioria dos demais clubes aderiu de roldão a este padrão, mesmo aqueles da segunda divisão, alguns com estádios recém-inaugurados e com sistemas semelhantes de visitação e de disposição interna da relação entre campo de jogo e público frequentador.

Mesmo durante o período de competição, iniciado no mês de agosto de 2018, o acesso aos estádios em dias de jogos não se mostrou uma tarefa fácil para mim, em virtude do modelo inglês de aquisição do ingresso, através de mecanismos associativos que renovam o vínculo clubístico a cada ano e que vinculam a compra do bilhete a uma adesão anual e a uma frequência prévia. A maior ou menor facilidade na obtenção de um ingresso também depende do grau de importância atribuído ao clube, à competição e à partida em destaque. Isto não chega a ser de todo uma novidade, pois já vem sendo adotado nos últimos anos pelos clubes brasileiros, embora

a Inglaterra, como matriz desse processo, apresente tal sistema consolidado e rotinizado há mais tempo.

Ao final, conforme listado na tabela acima, foram ao todo 26 estádios visitados, sendo que onze deles coincidiram com partidas oficiais e com a compra de ingresso. Os valores mínimos para os estádios da primeira e segunda divisão variam entre 20 e 60 euros, enquanto as partidas consideradas de maior importância pelo *top five* inglês, ou os jogos válidos pelas competições continentais, como a *Champions League*, ultrapassam 100 euros.

A tarefa de visitar o maior número possível de estádios relacionou-se à observação do *standard* estabelecido a partir dos anos 1990, quando todos os clubes de futebol profissional de primeira e segunda divisão tiveram sua participação nos campeonatos nacionais e internacionais condicionada à renovação e à modernização dos seus estádios, mediante o modelo conhecido por “all-seater stadiums” – todos sentados –, imposição governamental obedecida pela *Premier League*, quando de sua criação em 1992.

Tratou-se de uma mudança de ordem radical, uma vez que a maioria dos estádios britânicos fora concebida segundo o modelo proposto pelo arquiteto escocês Archibald Leitch (1865-1939), entre o final do século XIX e o início do século XX, até a construção de um estádio nacional em Londres, denominado Wembley, com capacidade oficial para noventa mil espectadores, no ano de 1923.

O estádio público da capital, destinado à seleção inglesa, fora projetado no formato elíptico, à maneira dos equipamentos olímpicos, sendo destruído e refeito em 2003 pelo arquiteto Norman Foster. Em contrapartida, a maioria dos estádios de clubes na Grã-Bretanha seguia o desenho retangular, ou quadrangular, da arquitetura de Leitch, com quatro tribunas segmentadas e quase que autônomas entre si, valendo-se, muitas das vezes, da fachada pitoresca das construções inglesas, com seus tijolos avermelhados e com seus portões estilizados, à imagem e semelhança das estações de trem e da entrada das fábricas.

Como é relativamente conhecida, a guinada na concepção dos estádios britânicos foi um desdobramento jurídico prescrito pelo Relatório Taylor. Este leva o sobrenome de Peter Taylor, deputado responsável pela criação do novo dispositivo no Parlamento inglês e chefe da Corte de Justiça britânica entre 1988 e 1996. O

documento foi publicado em versão final no ano de 1990, na esteira do incêndio do estádio de Bradford (1985), das invasões de campo em Luton por torcedores do Millwall (1985) e, principalmente, do desastre de Hillsborough (1989), na cidade de Sheffield, quando uma centena de torcedores do Liverpool morreu asfixiada e esmagada pela superlotação de sua torcida em um dos setores das arquibancadas, após uma série de erros logísticos dos policiais responsáveis, que trancafiaram os portões e impediram a evacuação a tempo.

Para que se estime a importância dessa tragédia, passados trinta anos, ainda em 2018 os noticiários de canais de televisão do país, como a BBC, e tradicionais jornais do país, como o *The Guardian*, davam destaque ao julgamento do caso do estádio do Sheffield Wednesday, tal como pude assistir e ler quando da pesquisa *in loco*. Além de inúmeros livros publicados no país, as reportagens transmitidas pela TV e pela imprensa traziam novidades com detalhes do processo ainda em curso, que incrimina os chefes de policiamento, e com o andamento das ações movidas pelos familiares das vítimas contra as autoridades responsáveis.

Em Sheffield e Liverpool, há espaços públicos centrais na cidade a lembrar da fatalidade. São “lugares de memória” com bustos e preitos de homenagem aos torcedores presentes ao jogo, válido pela semifinal da Copa da Inglaterra, em 1989. A principal entrada do Museu do Liverpool, e setores do Museu Nacional do Futebol, em Manchester, trazem diversas imagens evocativas, com lembranças do acontecimento trágico. Por coincidência, quando me encontrava em Liverpool, cheguei a testemunhar um ato público no centro da cidade que homenageava as vítimas da tragédia.

A nova concepção arquitetônica erigida pelos clubes, tal como exigida por Lord Justice Taylor, estabeleceu o fim dos espaços de livre circulação atrás dos gols – setores da assistência conhecidos por *terraces*, *ends* ou *kops*. Estes eram uma marca característica dos estádios centenários concebidos por Leicht, com a retirada das grades de cercamento do entorno dos campos. Estas haviam sido colocadas nos anos 1970 para evitar as constantes invasões de campo por parte de torcedores desordeiros, mas que acabaram por precipitar em Hillsborough a morte por asfixia e esmagamento de quase cem espectadores, em meio a um estádio pequeno, vetusto e superlotado.

O *report* de Taylor, o nono inquérito governamental produzido desde o primeiro, datado do ano de 1968, quando o hooliganismo se tornou notório e passou a

preocupar de maneira crônica e progressiva as autoridades britânicas, propôs também uma arquitetura capaz de garantir os valores da “segurança” e do “conforto”. Além da instalação de cadeiras individualizadas, os princípios arquitetônicos preconizavam a cobertura retrátil de todos os campos e o uso de arcos suspensos, bem como das fachadas de vidro em boa parte de seu design. O vidro, tendência contemporânea utilizada em aeroportos, hotéis e museus, entre outros prédios urbanos de vulto na contemporaneidade, modifica as percepções arquitetônicas de espaços internos e externos. Seu corolário é mudar as noções de dentro e fora sob o signo ético e estético da transparência, e assumir o lugar do cimento e do concreto armado, predominante na configuração da maioria dos estádios moldados no século XX.

Tratou-se assim de propiciar não somente mais uma novidade físico-espacial, muitas vezes com a mudança territorial do local do equipamento na cidade, como sobretudo de engendrar um conceito distinto de estádio, também chamado de “arena” na Alemanha, na Holanda, no Brasil e em muitos outros países, com uma série de preceitos modificadores da chamada “cultura do futebol” ou “cultura torcedora”.

O supracitado Relatório determinava o cumprimento do conjunto de alterações por parte dos clubes no prazo de cinco anos, entre 1994 e 1999. Enquanto países europeus, como a Itália, a França e a Alemanha, dependeram da organização de megaeventos esportivos – a exemplo das Copas do Mundo de 1990, 1998 e 2006, respectivamente – para modernizar as suas praças esportivas, a Inglaterra, que chegou a ser banida de competições futebolísticas continentais no segundo lustro dos anos 1980, radicalizou a escala das reformas e conseguiu transformar de modo impactante a paisagem do seu futebol, através de uma mentalidade de investimento global e de um ethos empresarial mais agressivo do que o existente até então, tendências logo assumidas pela FIFA e UEFA, que aderiram e criaram os seus *Stadiums and Security Committee*.

As recomendações parecem ter surtido efeito, uma vez que se somou, durante a década de 1990, a uma série de mudanças econômico-financeiras assistidas no mundo do futebol, a exemplo da entrada mais massiva das empresas de marketing e de patrocínio. Em igual medida, destaque-se a cobertura televisiva dos jogos, que na Inglaterra foi capitaneada pela BSkyB, TV por satélite controlada por Rupert Murdoch, dono também do tabloide *The Sun* e do jornal *The Times*, mediante vultosos

montantes de dinheiro em favor dos clubes, em troca dos direitos de transmissão. Para que se tenha uma ordem de grandeza impactada à época, a ITV e a BBC, redes de televisão abertas, aceitaram subir o valor do contrato com a *Premiership* de 52 milhões para 262 milhões de libras.

Junto às novas fontes de receita, a economia internacional do futebol assistiu a uma espécie de “círculo virtuoso” do ponto de vista financeiro e especulativo, graças a diversas mudanças legislativas que dinamizaram seu mercado de transferências. Constituía-se assim, segundo as palavras do sociólogo britânico Anthony King, um isomorfismo entre os clubes de futebol e o capitalismo global.

Com efeito, como se sabe, a modificação legislativa internacional de maior impacto ocorreu mediante o “Caso Bosman”¹, de 1995, quando um jogador de origem belga Jean-Marc Bosman, do Racing Footbal Club Liège, consegue na Corte de Justiça europeia o direito de atuar em um clube de outro país, mesmo que ultrapassando o limite do sistema de transferência e a cota de jogadores estrangeiros permitida até então pelos *governing bodies* do futebol, a FIFA e a UEFA. O episódio equivaleu à quebra de barreiras e à limitação de futebolistas por associação clubística e por confederação nacional na Europa, o que contribuiu para aquecer e internacionalizar as transações de compra e venda de jogadores em mercados como Brasil, Argentina, Gana, Nigéria e Camarões.

Com efeito, a legislação permitiu a circulação de jogadores europeus no interior do Mercado Comum Europeu e recolocou o debate em torno dos contornos do protecionismo e do liberalismo no futebol, em favor deste último. Tal processo, liberal em princípio, ensejou a livre concorrência, mas também a configuração de um clubismo concentrador, hiper-mercantil e multicultural. Este, por um lado, compõe-se de fundos de investidores emergentes do Catar, da China e de partes emergentes da Ásia. Por outro, o sistema é composto do recrutamento de futebolistas procedentes das mais diferentes nacionalidades do mundo, com a Europa a constituir o epicentro galvanizador do mercado mundial de transferências do futebol. A tendência à internacionalização dos clubes, com a presença de não-europeus nos *Big-5*, parece irreversível a partir de então.

¹ O autor agradece um dos pareceristas pelo provimento de informações importantes sobre o tema em sua avaliação, o que permitiu o melhor dimensionamento histórico do “caso Bosman”.

O futebol absorve os condicionantes históricos da Europa moderna e contemporânea, conforme frisam os princípios constitutivos dos estudos acadêmicos sobre o tema, em sua relação com os demais continentes do globo, em particular com suas ex-colônias. Destarte, o avanço dos estudos refinou a percepção do futebol como mero “reflexo” mimético da economia e da política, mas não se deixa de considerar a força vetorial dessas esferas de influência e as inter-relações entre tais universos.

Vis-à-vis da maior circulação de atletas profissionais, muitos dos clubes de futebol na Inglaterra, que já tinham uma tradição estatutária distinta dos países latinos, aprofundaram suas características empresariais. Para tanto, recorreram ao mercado de ações das bolsas de valores e venderam a marca do clube para grupos acionários de outros países como a Rússia, o Catar, a China e os Emirados Árabes.

O Manchester United foi o pioneiro na assunção desse padrão de empreendedorismo clubístico, transformando o estádio de Old Trafford em um *all-seater stadium* no ano de 1993. Foi seguido logo depois pelo tradicional Arsenal, clube londrino que chegou a mudar o nome de sua praça de esporte em favor dos *naming rights* de seu novo patrocinador, a companhia de aviação Emirates Airlines. Após a construção da arena, pelo valor de 400 milhões de libras, um dos efeitos imediatos das modificações foi o crescimento exponencial do preço médio dos ingressos, com sua majoração para os sócios-torcedores. A média de público subiu de 21 mil espectadores em 1992 para 35 mil em 2008, e atingiu a exitosa marca de 90% da taxa de ocupação média por temporada.

Essa frente de profundas mudanças mercadológicas contribuiu internamente para uma maior eficácia das autoridades no combate ao “hooliganismo”, ou *risk supporters*, considerado pela Primeira-Ministra Margareth Thatcher como uma “doença inglesa”, quando da tragédia de Heysel, em Bruxelas, no ano de 1985. Pode-se dizer que a era neoliberal concorre para estancar a “espiral de violência”, verificada dentro e fora dos estádios nas décadas de 1970 e 1980, dando a impressão de que o Relatório Taylor acertara no diagnóstico e no conjunto de proposições, uma vez que enseja um novo ambiente para futebol inglês na conjuntura dos últimos 25 anos. Os dispositivos tecnológicos de identificação dos torcedores, a nova infraestrutura dos equipamentos esportivos, o encarecimento do preço dos ingressos e as leis de banimento – as *Public Banning Orders* – mostraram-se em sua totalidade meios eficazes

no controle do comportamento grupal, considerado patológico e antissocial, dentro e fora dos estádios.

Entre 1988 e 1994, unidades de inteligência polícia inglesa foram criadas especificamente para atuar nos estádios. Valeram-se da estratégia de identificação biométrica para isolar os grupos hooligans, potencialmente violentos e para punir com maior rigor os protagonistas de distúrbios no interior do espetáculo futebolístico. Tal conjunto de ações logrou desencorajar, quando não erradicar, os chamados *hooligans*, com a reinvenção da atmosfera das partidas na *Premier League*. Esta foi uma outra novidade no campeonato inglês, responsável por elevar a qualidade e o nível competitivo dos campeonatos, com o recrutamento de estrelas do futebol internacional, capaz de recriar a atratividade do jogo em meio a uma ambiência dita “familiar” dos novos espaços.

Meu propósito nas observações *in loco* relacionou-se à verificação dessa interpretação corrente, descritas em breves linhas, em torno das mudanças assistidas no futebol inglês, relatadas por diversos estudiosos, que serão mencionados a seguir. A observação tinha por mote entender até que ponto procedem essas versões sobre o *modus operandi* da nova economia do futebol. É de fato possível asseverar que os *hooligans* foram erradicados dos estádios britânicos? O fenômeno da “gentrificação”, termo com que normalmente se refere essa mutação, constitui efetivamente uma realidade? Qual é de fato o perfil social da plateia frequentadora dos campeonatos futebolísticos?

Estabeleci assim esses critérios na minha visitação aos estádios e aos jogos: primeiramente, escolhi as cidades dos clubes de maior projeção do futebol inglês, como Londres, Manchester e Liverpool, com times da *Premier League*; em segundo lugar, selecionei os clubes locais da minha cidade de residência – Birmingham FC e Aston Villa – ou de centros urbanos adjacentes, situados no West Midlands, como Wolverhampton, guindado à primeira divisão na temporada 2018-2019, ou West Albion Bromwich, rebaixado à segunda divisão na temporada que se iniciava.

O terceiro critério consistiu em atender à representatividade dos países da Grã-Bretanha, com a opção pela Escócia, em específico Glasgow e Edimburgo, que se justificava pela importância do futebol no país. Este tem reconhecidas rivalidades

clubísticas que extrapolam as dimensões esportivas e que engolfam questões identitárias religiosas, como no caso do Rangers e do Celtic.

Já a visita ao País de Gales, onde o rúgbi é tão ou mais importante que o futebol, tinha por motivação o fato de que muitas leituras de especialistas locais apontaram os torcedores do Cardiff FC, agora na *Premier League*, com um histórico de problemas comportamentais, em especial contra seus rivais galeses do Swansea ou contra seus rivais ingleses da cidade de Bristol. Esta, por exemplo, enquadra-se no quarto e último critério e foi escolhida não especialmente por alguma característica específica dos clubes locais, mas pela possibilidade de ir acompanhado de especialistas nativos. Refiro-me ao professor Matthew Brown, pesquisador da University of Bristol, que se dispôs a me acompanhar e a fornecer uma série de informações a que não teria acesso não fossem suas observações.

Na Inglaterra, visitei ainda a cidade de Sheffield, onde se deu o desastre de Hillsborough, onde estive graças ao convite e à recepção do professor David Wood, que me levou aos dois estádios dos principais clubes da cidade. Por fim, vale mencionar que, para encontrar um termo de comparação entre plateias esportivas, assisti a uma partida de críquete em Birmingham, no estádio de Egdbaston, envolvendo os selecionados de Inglaterra e Índia. A presença maciça da comunidade india em Birmingham contribuiu para observações interessantes do mosaico nacional, que se somaram a uma dinâmica de jogo inteiramente diferente do futebol, em termos de ritmo e duração, de pontuação e regras, o que impacta de igual maneira no modo delongado de acompanhamento do público no decorrer de todo um dia e de diversos *rounds* em mais de um dia.

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS PESQUISADOS

Em paralelo à visita aos estádios, outra frente de trabalho consistiu na atualização da literatura científica produzida nos últimos três decênios acerca da temática do hooliganismo britânico, entre outros tópicos afins de meu horizonte de interesses durante o estágio pós-doutoral. O espaço privilegiado para a consulta foram as bibliotecas universitárias e alguns outros centros institucionais de pesquisa, como arquivos e bibliotecas públicas ou municipais. Na medida em que os artigos científicos

costumam ser mais acessíveis para *download* na Internet, privilegiei livros, relatórios, dissertações, teses, entre outros documentos a cujas fontes primárias eu não teria acesso no Brasil.

Nome	Cidade	Instituição	Data
Library of Birmingham	Birmingham	Prefeitura de Birmingham	Meses de julho a agosto
Library – University of Birmingham	Birmingham	Universidade de Birmingham	Meses de julho a outubro
Football Museum Archives	Preston	Museu Nacional do Futebol	22-24 de julho
Bodleian Library	Oxford	Universidade de Oxford	06 e 07 de agosto
Library – University of London	Londres	Centro de Estudos Latino-Americanos	13 de agosto
British Library	Londres	Prefeitura de Londres	14 de agosto
Library – International Center for Sports Studies	Neuchâtel (Suíça)	CIES-FIFA	20 e 21 de setembro

Conforme o quadro listado acima, as leituras concentram-se em sete locais para guarda de livros e demais materiais impressos. Estes situavam-se, por sua vez, em cinco cidades diferentes da Inglaterra e em um cantão da Suíça, para onde dirigi-me durante a pesquisa.

Tendo em vista a completude e a qualidade da nova biblioteca da Universidade de Birmingham, inaugurada em 2017 e com instalações de “última geração”, as consultas foram focadas e mais intensas nesse local. A concentração nesse espaço também se justificou pela sua proximidade com a Escola de Artes e Direito, no campus central da universidade, onde estabeleci vínculo e frequentei diariamente durante o pós-doutorado. A vinculação como *fellow* permitiu-me não apenas consultar *in loco*,

mas a biblioteca também facultava tomar de empréstimo quase duas dezenas de exemplares, o que facilitou o acesso, o acúmulo e a cobertura dos títulos consultados.

A biblioteca universitária de Birmingham proporcionou-me também ganhos não inicialmente esperados. Além da maior acessibilidade aos livros de que precisava, uma série de relatórios, dissertações e fontes primárias sobre os hooligans, datados dos anos 1970 e 1980, apareceu disponível para consulta, fato de que não tinha conhecimento *a priori*. Após a consulta, constatei que boa parte deles é resultado de investigações realizadas por pesquisadores da própria universidade, durante aquele período histórico em que o fenômeno emergiu – decênio de 1970 – e se complexificou para a sociedade inglesa, tornando-se um tema público e entendido como um grave problema social.

Entre os professores e pesquisadores que redigiram esses textos, destacam-se a atuação e o interesse daqueles associados ao *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS). Estes são conhecidos no Brasil pela corrente inauguradora dos Estudos Culturais, grupo, e depois área de conhecimento, que pontificou com nomes referenciais na historiografia inglesa, a exemplo de Richard Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall. O material compulsado permitiu-se chegar à informação, até então desconhecida para mim, de que este último intelectual, migrante de origem jamaicana, participa de seminários e publica artigos sobre o hooliganismo na Inglaterra no final da década de 1970, abordando o papel dos meios de comunicação na construção de um ator e na circunscrição de um problema social.

Embora, como disse, desconhecesse previamente tal informação, a vinculação dos Estudos Culturais com as manifestações comportamentais nos estádios ingleses parece plausível, uma vez que a Escola de Birmingham se caracterizou naquela conjuntura pelo reconhecimento da importância dos subgrupos juvenis e da assunção de seus estilos de vida, mesmo aqueles associados à recusa das regras vigentes e das normas sociais estabelecidas. Sendo assim, ainda que ausente do rol de objetos canônicos usualmente destacados quando se fala da juventude britânica do último quartel do século XIX, o futebol coaduna-se como objeto de estudo a manifestações grupais consideradas violentas e antiesportivas no futebol.

Em Birmingham, além da biblioteca da Universidade, frequentei nos dois primeiros meses – julho e agosto – a biblioteca pública mais importante da região,

localizada no centro da cidade. Parte de um projeto de afirmação cultural e de competição por visibilidade de Birmingham no contexto das grandes cidades do Reino Unido, a recém-inaugurada biblioteca dispõe de uma arquitetura imponente e *fashion*, de um design de ponta e de um acervo grandioso, considerado um dos maiores do continente europeu, à altura do projeto almejado. Isto fez com que pudesse encontrar uma quantidade bastante expressiva de títulos sobre esportes em geral e sobre futebol em particular, mapeando boa parte da produção recente no país acerca do assunto. Ademais, a igual facilidade de empréstimo permitido pela biblioteca contribuiu para a leitura cuidadosa e para o fichamento dos livros constantes do catálogo da instituição.

A busca por livros e trabalhos acadêmicos, por relatórios oficiais e materiais de pesquisa fez-me, no entanto, ir além dos limites da cidade de Birmingham. Um dos mais importantes e frutíferos locais para consulta de documentos foram os arquivos do *National Football Museum*. Embora este museu localize-se na cidade de Manchester, bastante associada ao futebol por meio de seus dois principais clubes de projeção internacional, a sede para exposição e visita não coincide com o centro de depósito de sua documentação arquivística. Esta, por seu turno, encontra-se depositada na cidade Preston, relativamente próxima a Manchester e que ocupa a função de capital administrativa da região de Lancashire.

Posso dizer que nos arquivos do Museu Nacional do Futebol, por sua vez abrigados nas dependências do *Deepdale Stadium*, estádio do clube da localidade, disputando a segunda divisão na temporada 2018-19, logrei encontrar o material mais farto e mais diretamente relacionado aos meus estudos pós-doutorais. A consulta foi auxiliada pela equipe de arquivistas, que não apenas atendeu-me com atenção como ofereceu uma série de dicas oportunas para identificar revistas, relatórios e obras de que isoladamente não seria capaz. Um dos responsáveis pelo acervo era um senhor que trabalhava como voluntário, haja vista sua condição de amante do futebol e de guardião do acervo, a lembrar de cor de títulos e de autores relativos ao tema. Para além do material impresso, o arquivista indicou igualmente um conjunto precioso de registros audiovisuais em DVD, a que pude assistir na sala de consultas.

Em razão da centralidade das referências, passei dias inteiros em função desse catálogo, especialmente anotando informações das dezenas de *reports* datados dos

anos 1970 e 1980. Estes foram produzidos em série pelo *Football Trust*, uma agência com apoio governamental que financiou a pesquisa em torno do hooliganismo inglês realizado pelo *The Sir Norman Chester Centre*. Este centro depois custeou os estudos sistemáticos desenvolvidos a cargo da Escola de Leicester, responsável por elaborar pesquisas de cunho histórico-sociológico e qualitativo-quantitativo acerca dos hooligans da Inglaterra. Como não residia naquela cidade do noroeste inglês, intensifiquei as leituras e os vídeos. Vali-me também do expediente de fotografar e de armazenar tudo aquilo que parecia-me útil na sequência do trabalho, ou que não tivera tempo de ler, já que sabia das dificuldades de locomoção a Preston.

Outra cidade com bibliotecas importantes a consultar era Londres. Estive ao todo três vezes na capital londrina. A *British Library*, cujo acervo dispensa comentários, foi o primeiro destino, onde pude fichar e ler livros que não encontrara na biblioteca da Universidade de Birmingham. Aproveitei também a estada e a proximidade da Universidade de Londres (UCL), no bairro de Camden, para fazer levantamentos na biblioteca do Centro de Estudos Latino-Americanos. Conquanto menos central para o meu trabalho de pós-doutoramento, pude consultar livros que apenas naquele local teria condições e não deixei de aproveitar a oportunidade. Em alguns casos, tratou-se de cotejar traduções de livros brasileiros em inglês que, apesar de relativos a outra pesquisa em curso no Brasil, se faziam necessários localizar.

Este também foi o caso da cidade de Oxford, cuja biblioteca, *Bodleian Library*, foi-me de grande utilidade, por pelo menos dois motivos. O primeiro aproxima-se da razão exposta para a capital inglesa, já que o *Brazil Institute* dispunha, nas dependências da antiga biblioteca, de livros que eram de meu interesse frontal. O segundo dizia respeito ao fato de que, assim como a cidade de Birmingham, Oxford foi um local referencial para as primeiras escolas de estudos dedicados ao hooliganismo sobre o futebol inglês, também datados da década de 1970.

Dessa maneira, a consulta ao catálogo permitiu-me não apenas encontrar livros que já procurava no Brasil como conhecer o que vem sendo até os dias de hoje produzido na Academia daquela tradicional cidade sobre o assunto pesquisado. Embora a pesquisa não tenha podido ser exaustiva, pois permaneci apenas uma semana em Oxford, pude valer-me dos dias na tradicional cidade universitária para debruçar-me sobre o estado da arte naquele centro universitário, a exemplo dos livros de

Peter Marsh, dos idos de 1970, ou de publicações recentes, como os artigos de Martha Newson.

O último centro de documentação que visitei fica fora da Grã-Bretanha. Trata-se dos arquivos do CIES – *International Center for Sport Studies* –, cuja sede se encontra na cidade de Neuchâtel, na Suíça. A viagem deu-se em função do convite de um dos investigadores do Centro, para que eu pudesse conhecer não apenas o espaço e a equipe de pesquisa dessa instituição suíça de ensino e pesquisa multidisciplinar sobre o futebol, existente há mais de vinte anos e com ligações institucionais com a FIFA, mas sobretudo para consultar seu acervo de livros futebolísticos.

Durante uma semana, pude fazer leituras e levantamento de bibliografia. Fotocopiei revistas, livros e coletâneas concernentes ao tema do *football hooliganism*. A estada foi muito proveitosa e permitiu-me compulsar um material atualizado e de ponta em inglês e francês sobre o assunto, valendo-me ainda da hospitalidade do Centro, que reservou uma sala para o desenvolvimento do meu trabalho.

Na Suíça, foram estabelecidos ainda contatos com dois outros centros de documentação: a biblioteca pertencente à Federação Internacional de Futebol (FIFA), sediada no museu da entidade em Zurique, e a biblioteca do Comitê Olímpico Internacional (COI). No entanto, em função da limitação de tempo, não pude alongar minha estada na Suíça e acabei por não conseguir consultar essas duas bibliotecas, tal como gostaria de ter feito no planejamento inicial. De todo modo, a levar em consideração o tempo de quatro meses de estágio, estimo um saldo bastante positivo o total das referências que pude encontrar nas sete bibliotecas visitadas.

ENCONTRO COM ESPECIALISTAS

Uma atividade a que me propus durante a estada na Inglaterra foi a realização de encontros com especialistas em esporte e em futebol, notadamente com os estudiosos dedicados ao hooliganismo no país. Considero esta a mais importante das frentes, pois propiciaram-me uma interlocução mais direta e uma visão mais circunstanciada sobre a real situação das políticas de controle ao hooliganismo no Reino Unido, implantadas durante as últimas décadas.

Especialista	Instituição	Posição	Data
David Wood	University of Sheffield	President – Society of Latin American Studies (SLAS)	21 de julho
John Williams	University of Leicester	Senior Lecturer – Department of Sociology	02 de agosto
Jonathan Sly	University of Leicester	PhD. Candidate – Sociology	02 de agosto
Robert Perks	British Library	Curator of Oral History Department	14 de agosto
Geoff Person	University of Manchester	Associate professor of Law School	13 de setembro
Matthew Brown	University of Bristol	Editor of BLAR – Bulletin of Latin America Research	15 de setembro
Glória Lanci	University of Liverpool	Post doctorant at the University of Liverpool	16 de setembro
Thomas Busset	Center for International Sports Studies (CIES)	Historian and Associate professor	20 de setembro
Marco Vieira	University of Birmingham	Senior Lecturer – Department of Political Sciences and International Relations	26 de setembro
Mike Cronin	Boston College – Ireland	Professor and academic director	04 de outubro
Zhouxiang Lou	Maynooth University – National University of Ireland	Professor and specialist in <i>Olympic Studies</i>	05 de outubro
Michael Brunskill	Football Supporters' Federation (FSF)	Director of Communications	10 de outubro
Rogan Taylor	University of Liverpool	Professor and director of Football Industry	18 de outubro

Ciente dessa importância, desde antes da chegada e do início do pós-doutoramento, iniciei contatos, ainda estando no Brasil. Ora por meio de contatos prévios, ora de maneira individual, procurei apresentar-me a um conjunto de autores e, para tanto, dispus-me a ir ao encontro dos professores e pesquisadores em suas respectivas cidades e universidades. Como o mês de julho, quando começou o pós-doutorado, corresponde ao período das principais férias letivas na Europa, obtive retornos apenas parciais, mas, ao final do estágio, conforme indicado na tabela acima, logrei encontrar e conversar com um total de treze especialistas.

Três deles – David Wood, Matthew Brown e Glória Lanci – eu já conhecia previamente, em virtude da participação em congressos na área de *Latin American studies*. Refiro-me em particular à SLAS, sociedade britânica de estudos latino-americanistas, fundada no início dos anos 1960. Estes professores foram importantes para

o auxílio junto a outros contatos e proporcionaram informações valiosas para a minha pesquisa. A isto se soma a ajuda no trabalho de campo, com a contextualização da prática do futebol em clubes e cidades como Sheffield, Bristol e Liverpool.

Outro professor, Marco Vieira, um brasileiro radicado em Birmingham, da área de Relações Internacionais e Ciência Política, dispôs-se a me receber e contribuiu bastante para a compreensão do sistema universitário britânico, em particular sua estrutura mais recente de pesquisa e ensino. Ainda que não investigue futebol, seu conhecimento do país foi um ponto de partida importante para uma maior familiarização na Universidade de Birmingham e no entendimento de suas especificidades.

Quanto à temática do hooliganismo, três professores que se dispuseram a me atender em Leicester e em Manchester. Foram eles: John Williams, Geoff Pearson e Jonathan Sly. Williams é uma das referências incontornáveis no estudo dos hooligans na Inglaterra. Desde o final dos anos 1970, pertenceu à principal escola dedicada ao tema e se tornou uma figura pública conhecida na mídia nacional, a opinar sobre episódios de maior repercussão relacionados à violência nos estádios britânicos e europeus.

Com agudo senso de etnógrafo, Williams estava, por exemplo, no estádio de Hillsborough, em 1989, e testemunhou a tragédia fatídica que vitimou quase uma centena de torcedores do Liverpool. Na condição de sênior no assunto, este pesquisador da Universidade de Leicester foi não apenas didático – às vezes até professoral – como muito informativo na contextualização do conjunto de transformações por que passou o futebol inglês desde a criação da *Premier League* e todo o círculo virtuoso que se estabeleceu desde então.

Graças a esse professor, determinados aspectos da dinâmica torcedora contemporânea foram aclarados. A conversa levou a informações a que, de outro modo, não teria acesso, tais como a permanência da tensão em partidas que envolvem rivalidades regionais inglesas ou a atração destacada pelos torcedores mais engajados para as partidas disputadas fora de casa – chamadas de *away matches* –, atraídos pelos desafios do deslocamento, da limitação dos setores visitantes e da superação de seu adversário em seu próprio estádio.

O sociólogo John Williams colocou-se contrário à ideia de uma propalada “gentrificação” do futebol inglês ou de um “esfriamento” da atmosfera dos estádios.

Embora admita mudanças no perfil do público frequentador, enfatiza que, salvo exceções, ainda se trata de um universo potencialmente caloroso, a envolver mais torcedores que espectadores.

Sem embargo, não deixa de salientar que há de fato uma certa desmobilização e frieza em determinados jogos das competições futebolísticas inglesas, o que faz com que as torcidas de clubes do país, marcadas pela informalidade e pela menor visibilidade nos estádios, passem a admirar o chamado estilo *ultra*, de torcidas europeias, notadamente italianas e francesas, com que travam conhecimento na circulação e nos encontros proporcionados pelos torneios europeus de clubes e nações.

Por fim, o sociólogo ainda salientou modificações recentes nas políticas de policiamento adotadas pelos órgãos de inteligência da Inglaterra, em especial no monitoramento dos torcedores visitantes, com a tendência a incentivar a dispersão dos mesmos ao final da partida, em detrimento do hábito até então vigente de tratá-los em bloco, trancafiando a saída e impedindo o escoamento no fim do jogo. A mudança é uma mostra da dinâmica de observação da polícia no sentido de prover melhores táticas e, neste caso, observou-se que a diluição dos grupos de torcedores minimiza os riscos de conflitos, com o cultivo da mistura e da livre-circulação dos torcedores de clubes oponentes, salvo quando se trata de partidas tensionadas pela rivalidade vicinal, a exemplo de um Liverpool vs Manchester United ou de um Cardiff vs Swansea.

Além da abertura para receber-me e para indicar uma série de textos, Williams colocou-me em contato com um de seus orientandos, cujo trabalho de campo lida diretamente com *hooligans* na atualidade, mais precisamente na cidade de Birmingham e adjacências da região do West Midlands. Jonathan Sly havia recém-acompanhado os torcedores da Seleção inglesa na Copa do Mundo FIFA na Rússia de 2018 e compartilhou algumas informações sobre o torneio e sobre a presença dos ingleses nas partidas de seu país. Abordou o cenário da Inglaterra no conjunto da subcultura torcedora na Europa e deu destaque à emergência dos fãs de futebol do Leste europeu, cujo protagonismo é ascendente no continente nas últimas décadas.

A conversa com o doutorando revelou-se fundamental, pois aportou uma série de informações atualizadas, especialmente em função de seu acompanhamento etnográfico então em curso. Sly participa não só dos jogos, mas também do cotidiano de antigos *hooligans* e de novos torcedores em seus encontros informais. Estes não

frequentam mais os estádios, tanto em função do encarecimento quanto em virtude das ameaças de punição que sofrem, mas por sua vez continuam a reunir-se em *pubs* nos dias de partida, fora do raio de vigilância policial, e se comunicam pelas redes sociais para eventuais encontros com rivais. Suas observações compreendem o contato com estes torcedores, assim como as estratégias adotadas pela polícia para monitorar esses grupos e para impedir brigas intergrupais estabelecidas após comunicação pelas redes sociais.

Pode-se dizer que a principal contribuição nos encontros com os especialistas foi ter podido conhecer o professor Geoff Pearson, da Escola de Direito da Universidade de Manchester. Como não o conhecia anteriormente, foi graças à indicação de um professor do país que cheguei a seus artigos, a seu extraordinário livro – *An ethnography of English football fans* – e ao seu encontro pessoalmente. Após a recepção em sua sala na universidade, Geoff conduziu-me a um *pub* em Manchester, dando um tom mais informal que a conversa estabelecida com John Williams e revelando-se muito proveitosa para minhas questões de pesquisa. Pearson pode ser considerado um representante da nova geração de estudiosos britânicos no tema, embora já acumule mais de quinze anos de etnografia com torcedores, em diferentes escalas de observação. Suas investigações contemplam sejam clubes pequenos – Blackpool FC –, sejam clubes grandes – Manchester United – sejam grupos de torcedores que seguem a equipe nacional inglesa no exterior.

Baseado não só em trabalho de campo, mas também em referenciais teóricos das Ciências Sociais e do subcampo de estudos do hooliganismo, a exemplo da obra de Mikhail Bakhtin, com quem dialoga de maneira crítica e inovadora, Pearson tem formação na área de Direito. Lecionou no *Football Industry*, MBA da Universidade de Liverpool, e mesmo depois de concluído o doutorado continua a fazer incursões etnográficas e a produzir artigos instigantes na área.

Pearson traz a marca da pesquisa social aplicada e, para tanto, recebe subvenções de fundos de apoio à pesquisa. O apoio incide no acompanhamento do modo como a polícia trata os torcedores. Aporta, pois, uma contribuição inestimável do ponto de vista jurídico-penal, ao desenvolver trabalhos sobre as categorias nativas mobilizadas pelo policiamento no tratamento dispensado aos adeptos do chamado “clubismo”.

Em particular, destaca-se seu trabalho junto aos torcedores do Cardiff FC, conhecidos na Grã-Bretanha pela má reputação, relacionada a um histórico de problemas com hooliganismo, nas partidas fora de “casa”, especialmente em Bristol e em Swansea. Durante a conversa, assim como se depreende nos textos de sua autoria, o pesquisador sublinha como muitas das vezes a generalização da categoria “torcedores de risco” pre-dispõe e estimula tratamentos belicosos na recepção das torcidas visitantes.

Ao tomar parte nos jogos, Pearson descreve vários episódios que geram tensões e cujos resultados são adversos ao que era esperado, além de constituir cenas de abusos de poder e de violação dos direitos humanos. O encontro, como dito, foi bem menos formal que o ocorrido com Williams, e afigurou-se estimulante para discutir, por exemplo, o conceito de “carnavalização”, formulado por Bakhtin. O aparato conceitual serviu para pensar como aplicá-lo ao futebol, uma vez que, mais do que as brigas, a transgressão das regras, as relações jocosas, o consumo de bebida alcoólica e a inversão das formalidades hierárquicas do cotidiano são recorrentes entre a maioria dos torcedores que viajam para assistir às partidas de seu clube.

Além de sugestiva, a conversa atendeu à boa parte de minhas expectativas e de meus objetivos com o estágio. Assim como Williams, Pearson foi responsável por colocar-me em contato com representantes da Federação de Torcedores de Futebol, a FSF – *Football Supporters Federation*. Criada em 2002, em substituição à Associação de Torcedores do Futebol – FSA – *Football Supporters Association* –, a FSF tem uma estrutura federativa e congrega não apenas representantes de torcidas de clubes como também torcedores que aderem de maneira individual à entidade.

Nesse sentido, pude trocar informações com Amanda Jacks, secretária da FSF, e logrei entrar em contato com Michael Brunskill, responsável pela pasta de comunicação com a imprensa na entidade. Ambos foram muito solícitos e Brunskill, em especial, aportou inúmeras informações sobre a história, a conformação e as características dessa entidade nos últimos quinze anos. Discorreu, em particular, sobre a pauta de reivindicações, como a política de preços para os torcedores que se deslocam a fim de assistir a seus times. Defendem, por exemplo, o princípio de que o valor deve ser inferior àqueles cobrados para os espectadores da localidade, tendo em vista os gastos despendidos com o deslocamento.

Também tratou do modo de atuação da Federação e deu detalhes da forma pela qual a FSF se organiza e se renova em âmbito interno. Destarte, forneceu dados quantitativos do número total de aderentes e salientou o processo democrático de representação e de eleição dos membros da Federação.

Outro contato importante, em princípio relacionado ao universo torcedor, foi estabelecido com o jornalista Rogan Taylor, fundador da supracitada FSA: *Football Supporters Association*. Taylor, torcedor do Liverpool, foi responsável em 1985 pela criação e pela liderança desta Associação após a chamada “tragédia de Heysel”, na Bélgica, quando confrontos envolvendo seguidores do Liverpool e do Juventus levaram à morte de 40 torcedores italianos.

Apesar desse currículo junto aos movimentos de torcedores, o encontro com Rogan foi pautado por sua atuação institucional e acadêmica mais recente no futebol. Taylor é o criador do MBA *Football Industry*, da Universidade de Liverpool, criado no ano de 1997. Conquanto as duas atividades pareçam díspares entre si, Taylor pode comentar a conjuntura que se ligou a cada uma delas e, com um estilo bastante envolvente e por assim dizer apaixonado na sua maneira de narrar, relatou diversas experiências e histórias relacionadas à sua trajetória ao redor do futebol.

Outro especialista que merece destaque é o historiador suíço Thomas Busset, do Centro Internacional de Estudos do Esporte (CIES). Fui ao seu encontro na Suíça e tive uma ótima interlocução ao longo desse período. Busset é uma referência na Europa nos estudos da cultura torcedora, com destaque para a abordagem das relações políticas, à direita e à esquerda, entre os torcedores, não somente em seu país de origem como no continente europeu. Tem-se destacado pela organização de seminários internacionais sobre o assunto, que se desdobram em publicações referenciais para os estudiosos da área. A partir do contato pessoal estabelecido, parcerias já foram estabelecidas e em 2020 voltei para uma visita técnica de cinco semanas no suíço *Football Observatory* para um estudo da ciência de dados nos estudos do futebol.

Tentei ainda, como disse acima, dialogar com outros autores especializados no tema do hooliganismo e do futebol na Inglaterra, a exemplo de Richard Giulianotti (Universidade de Loughborough), de Gary Armstrong (Universidade de Londres), de Anthony King (Universidade de Warwick) e de Alan Tomlinson (Universidade de Brighton). Obtive o retorno dos mesmos, cheguei a agendar encontros individuais

com cada um deles, mas ao final, por diversas razões que não cabe aqui detalhar, acabaram por não se concretizar.

Contatei também diretores de institutos de pesquisa dedicados ao futebol, como John Ewing Hughson (Universidade Central de Lancashire), diretor do *International Football Institute* (IFI), e com Martin Polley, diretor do *International Center for Sports History and Studies*, do De Montfort University, em Leicester. Apesar dos contatos e dos retornos recebidos não foi possível, por limitações de tempo, encontrá-los nem conhecer os dois institutos.

A importância dos encontros presenciais fez com que alargasse o escopo dos nomes para a área dos estudos dos esportes em geral. Por esta razão, estive em Dublin, a fim de encontrar-me com Mike Cronin, diretor do Boston College, e com Lou Zhouxiang, professor da Universidade de Maynooth.

Como já conhecia e já lera parte da obra de Cronin, a conversa girou em torno de seu projeto institucional de História Oral dos esportes na República da Irlanda, em particular os jogos gaélicos, uma modalidade esportiva local, espécie de combinação entre rúgbi e futebol, variante sincrética bastante popular no país, com um estádio para até 80 mil espectadores. Ademais, tratamos no encontro de propostas de parceria em futuros congressos internacionais e em revistas científicas, com respectivos dossiês que trabalham na interface esporte/história oral, o que se concretizou em publicações no *The International Journal of the History of Sport*.

No tocante a Zhouxiang, o encontro foi deveras produtivo e pude com ele conhecer, dentro da área de *Chinese Studies*, o lugar dos esportes naquele país, que ganhou mais evidência desde a organização dos Jogos Olímpicos de verão em Pequim, no ano de 2008. Sendo o professor Zhouxiang um especialista na história dos esportes na China, com publicações de diversos livros pela conceituada editora Routledge, uma série de possibilidades de intercâmbios foi aventada, após a percepção de muitas afinidades nas linhas de pesquisa que cada um desenvolve.

Last but not least, gostaria de mencionar o encontro com o historiador Robert Perks, curador do programa de História Oral da *British Library*, que me recebeu em Londres e apresentou o espaço institucional daquele importante setor da Biblioteca londrina. Foi possível conhecer os estúdios de gravação, seus equipamentos – entre os mais antigos e os de última geração – e a equipe responsável pelo

desenvolvimento desse setor. Embora Perks não seja pesquisador do futebol, ao inteirar-se de minhas atividades na Inglaterra, forneceu-me uma série de sugestões de nomes e instituições a procurar.

Dessa maneira, a partir encontro com cada um dos treze especialistas supracitados, considero esta atividade um dos pontos altos da estada pós-doutoral, pois permitiu ampliar e aprofundar conhecimentos nativos sobre a pesquisa na Grã-Bretanha e sobre o universo esportivo britânico.

* * *

Recebido em: 3 ago. 2024.
Aprovado em: 20 jan. 2025.